



ENTRE DISCURSOS, IMAGENS E RITUAIS POLÍTICOS: A MEMÓRIA DE JOSÉ MARTÍ A PARTIR DA LUTA ARMADA DE SIERRA MAESTRA (1959-2006)

Between speeches, images and political rituals: The memory of José Martí from the armed struggle in Sierra Maestra (1959-2006)

Bruno Romano Rodrigues*

Recebido em: 01/07/2024

Aprovado em: 16/09/2024

Resumo: Este artigo investiga a construção da memória do líder independentista cubano José Martí a partir de 1º de janeiro de 1959. Para tanto, analisaremos os discursos de Fidel Castro, a produção imagética e os rituais políticos organizados pelo Estado após o triunfo da Revolução Cubana. Em meio à reinterpretação das guerras anticoloniais do século XIX, a memória de Martí foi utilizada pela propaganda político-ideológica oficial para legitimar retrospectivamente a guerrilha liderada por Castro nos anos 1950, colaborando para consolidar o protagonismo do M 26-7 no âmbito das antigas oposições ao regime de Fulgêncio Batista. Em suma, este artigo defende que o governo de Castro ressignificou as guerras anticoloniais a partir da luta armada de *Sierra Maestra*, em especial a imagem de Martí, que acabou sendo “guerrilheirizada” a fim de estabelecer vínculos históricos entre os *mambises* do século XIX e os guerrilheiros do século XX.

Palavras-chave: José Martí; Revolução Cubana; Luta Armada.

Abstract: This article investigates the construction of the memory of the Cuban independence leader José Martí from January 1, 1959. To this end, we will analyze Fidel Castro's speeches, the image production and the political rituals organized by the State after the triumph of the Cuban Revolution. Amid the reinterpretation of the anti-colonial wars of the 19th century, Martí's memory was used by official

* Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Email: romanorodrigues@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7021-6913>



political-ideological propaganda to retrospectively legitimize the guerrilla led by Castro in the 1950s, helping to consolidate the protagonism of M 26-7 within the scope of the old oppositions to the Fulgêncio Batista regime. In short, this article argues that Castro's government redefined the anti-colonial wars from the armed struggle of *Sierra Maestra*, especially the image of Martí, which ended up being “guerrillaized” in order to establish historical links between the 19th century *mambises* and the guerrillas of the 20th century.

Keywords: José Martí; Cuban Revolution; Armed Struggle.

Após 1º de janeiro de 1959, o mote das armas pautou a narrativa de Fidel Castro sobre a Revolução Cubana, envolvendo representações¹ que vão desde o início da etapa insurrecional até a conquista do poder pelos guerrilheiros (1953-1959), bem como as suas interpretações históricas a respeito do surgimento de Cuba como nação independente. Tais representações se manifestaram mais intensamente nos festejos oficiais envolvendo os centenários do *Grito de Yara* (10 de outubro de 1868), considerado a primeira tentativa de independência da ilha, e da *Protesta de Baraguá* (15 de março de 1878), evento que marcou o desfecho frustrado da primeira guerra separatista contra a Espanha. Em linhas gerais, a relação entre tais acontecimentos históricos foi resumida da seguinte forma por Fidel Castro: “Sin 10 de octubre no habría habido 15 de marzo, sin Yara no habría existido Baraguá; ipero sin Baraguá, Yara no habría sido Yara!” (Castro, 1978).

Fracassado em seu intento, que consistia no término da colonização de Cuba, o ato de protesto liderado por Antonio Maceo em 1868 foi retratado por Fidel Castro, cem anos depois, como um fato “glorioso” pelo qual se deveria nutrir “carinho” e “admiração”, e não como uma derrota do exército *mambí*. Em meio às justificativas apresentadas pelo estadista para explicar o insucesso da causa independentista em 1878, tais como regionalismo, insubordinação, caudilhismo,

¹ Tomamos aqui o conceito de representação a partir da seguinte definição fornecida por Carlo Ginzburg: “[...] Por um lado, a ‘representação’ faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença” (Ginzburg, 2001, p. 85).



cansaço, traição e falta de recursos, chama a atenção como Castro utilizou a memória da luta armada para representar a resistência dos *mambises* à metrópole espanhola. Em diferentes passagens do discurso em homenagem ao centenário da *Protesta de Baraguá* ele fez uso de expressões como “república em armas”, “povo em armas” e “revolucionários em armas” (Castro, 1978).

As referências à paz sem independência simbolizada pelo *Pacto de Zanjón* (10 de fevereiro de 1878), ao qual Antônio Maceo se opôs através do evento histórico conhecido como *Protesta de Baraguá*, extrapolaram o contexto histórico colonial para se tornarem, na produção discursiva castrista, uma metáfora relativa à rebeldia atribuída aos *mambises*; sentimento que desembocaria, segundo esta linha de raciocínio, no triunfo da Revolução Cubana, em 1º de janeiro de 1959.

Nosotros tuvimos nuestros reveses, duros; los tuvimos en el Moncada. ¡Ah!, pero nunca nos dimos por vencidos. Los combatientes del Moncada nunca se dieron por vencidos, nunca aceptaron la derrota (APLAUSOS). Era el espíritu de la Protesta de Baraguá. En la cárcel jamás se humilló ningún combatiente, jamás aceptó la derrota. Era el espíritu de Baraguá. Después del desembarco del Granma los reveses fueron grandes, pero muy grandes, podrían parecer insuperables; pero nadie se dio por vencido. Los que sobrevivieron, decidieron continuar la lucha. ¡Era el espíritu de Baraguá! (Castro, 1968)

No discurso feito em 10 de outubro de 1968, Castro representou a cerimônia do centenário do *Grito de Yara*, considerado o início da primeira tentativa de independência de Cuba, frustrada, como a comemoração mais importante da história da ilha até aquele momento, um “encontro do povo com sua própria história” (Castro, 1968), segundo suas palavras. Na oportunidade, propôs que a rebelião liderada por Carlos Manuel de Céspedes em 10 de outubro de 1868 fora protagonizada por um povo praticamente desarmado que adotou a estratégia guerrilheira com o intuito de capturar os armamentos dos quartéis inimigos para assim iniciar a luta pela autonomia de Cuba.



Diante das dificuldades enfrentadas pelos independentistas naquele contexto histórico, Fidel Castro enalteceu o fato de os *mambises* não terem esperado passivamente o surgimento das condições ideais que lhes proporcionariam vantagens estratégicas sobre os espanhóis. Em outras palavras, a falta de armas, recursos e suprimentos não freou o ímpeto da causa independentista, o que revelaria, no entender de Castro, como a luta armada dos *mambises* do século XIX conseguiu produzir sua própria viabilidade e legitimidade no transcorrer dos eventos históricos, e não previamente.

Na perspectiva castrista, a rebelião de 1868 começou a construir uma ideia de nação em Cuba, até então um território que reunia grupos sociais heterogêneos que não apresentavam uma ideia clara de comunidade ou senso de pertencimento à terra. Para Castro, até 1868 não havia nação e, portanto, inexistia a consciência da necessidade de liberdade política. Neste contexto, os interesses de classe se sobrepujaram a qualquer ideia de coletividade, sendo a expressão mais visível disso as discussões em torno do término da escravidão (Scott, 1991).

No século XIX, o binômio independência-abolição pautou o debate público sobre o surgimento da nação cubana, estando na base das divisões político-ideológicas entre anexionistas, reformistas e um pequeno grupo de *criollos* que propunha conquistar a autonomia da ilha pela via revolucionária, isto é, através das armas; o que configuraria a primeira manifestação de luta armada da história insular e, segundo se infere do raciocínio de Fidel Castro, a origem da legitimidade da guerrilha de *Sierra Maestra* liderada por ele durante a etapa insurrecional da Revolução Cubana (1953-1959). Assim, a primeira tentativa de independência teria acontecido pela iniciativa de uma vanguarda política, um “reduzido núcleo” composto por setores sociais e econômicos “prósperos” e “ilustrados”, chamados por Castro de patriotas. Mesmo sem o apoio maciço da população cubana, tal grupo decidiu radicalizar a luta pela independência ao recorrer às armas como forma de intervir na realidade política colonial.

A visão de que a rebelião de 1868 simboliza a “conquista de direitos pela luta armada” (Castro, 1968) embasou a concepção histórica que buscava legitimar



a guerrilha como instrumento de intervenção na realidade social insular tanto no “passado (anti)colonial”, quando o debate girava em torno da independência de Cuba frente à Espanha, quanto no “presente revolucionário”, quando as causas defendidas pela guerrilha do Movimento 26 de Julho² (M 26-7) foram divulgadas à opinião pública como uma defesa da soberania nacional, em primeiro lugar, e, logo a seguir, a partir de abril de 1961, como propaganda política em favor da adesão do governo ao socialismo³.

O próprio vocabulário empregado por Castro para interpretar a história de Cuba reflete como as questões do tempo presente relativo a 1968, sobretudo as relacionadas à memória da luta armada contra Fulgêncio Batista, pautaram suas análises sobre os significados do passado insular. Um exemplo disso se refere ao termo “revolucionários”, que segundo Castro poderia ser utilizado em referência aos insurretos de 1868 pelo fato de terem escolhido a luta armada como único caminho capaz de levar Cuba a romper seus vínculos coloniais com a metrópole espanhola. Não apenas a expressão “revolucionários” adquiriu significado em razão da luta armada, mas também, segundo o estadista, a própria ideia de “cubano” deveria ser entendida como resultado direto do uso político das armas, como é possível observar no excerto discursivo reproduzido a seguir:

En aquel tiempo, desde luego, no se discutía el derecho a la propiedad de los medios de producción. Se discutía el derecho a la propiedad de unos hombres sobre otros. Y al abolir aquel

² A partir de agora as referências ao Movimento 26 de Julho serão feitas por meio da sigla M 26-7.

³ Ao longo da década de 1950, se formaram em Cuba diversos movimentos guerrilheiros, sendo o de *Sierra Maestra* um deles. No âmbito do M 26-7, destacam-se também as ações armadas realizadas por sua ala urbana, sob a liderança de Frank País, morto pelas tropas do governo em 30 de julho de 1957. Somando esforços no combate à ditadura de Fulgêncio Batista, é digna de nota a atuação do Diretório Revolucionário, braço armado da Federação Estudantil Universitária, fundado por José Antonio Echeverría com o objetivo de tomar o poder através das armas; estratégia malograda em virtude de sua morte durante o assalto ao palácio presidencial, em 13 de março de 1957. A atuação do Diretório Revolucionário demonstra que a guerrilha do M 26-7 não foi o único movimento armado responsável pelo triunfo da Revolução Cubana. Contudo, após 1959, a memória oficial construída pelo regime socialista insular refletiu um projeto de poder protagonizado não pelo conjunto heterogêneo das forças políticas vitoriosas em 1º de janeiro, mas pelo núcleo guerrilheiro de *Sierra Maestra*, que se representou no processo revolucionário como o principal grupo político responsável pela derrota do regime batistiano e a quem a opinião pública deveria reconhecer como o criador de uma “nova” ordem e de um “novo” tempo em Cuba.

derecho, aquella revolución —revolución radical desde el instante en que suprime un privilegio de siglos, desde el momento en que suprime aquel supuesto derecho consagrado por siglos de existencia— llevó a cabo un acto profundamente radical en la historia de nuestro país, y a partir de ese momento, por primera vez, se empezó a crear el concepto y la conciencia de la nacionalidad, y comenzó a utilizarse por primera vez el calificativo de cubano para comprender a todos los que levantados en armas luchaban contra la colonia española. (Castro, 1968)

Vinculadas à ressignificação de conceitos como “revolucionário” e “cubano”, para ficarmos nos termos abordados por Castro no discurso em homenagem ao centenário do *Grito de Yara*, o mandatário elencou como exemplo de ativismo político pelas armas uma série de personagens extraídas do passado anticolonial, sendo os mais relevantes Carlos Manuel de Céspedes, líder da rebelião de 1868, Ignacio Agramonte, Máximo Gómez, Calixto García, os irmãos Antonio e José Maceo e, como expressão máxima da militância em favor da libertação de Cuba, José Martí (Villaça, 2008), a quem Castro considerou o “maior pensador político e revolucionário deste continente” (Castro, 1968).

A memória de José Martí a partir de discursos e imagens

A apropriação castrista da maior liderança independentista cubana do século XIX foi fortemente influenciada pelo papel que a luta armada teria tido na história da ilha, sendo responsável pela representação de Martí não apenas como um pensador, mas também como um agente político que se tornou relevante em seu contexto social por ter decidido pegar em armas para defender seu ideal de liberdade. Centrada no protagonismo histórico atribuído por Fidel Castro à guerrilha, a memória oficial da Revolução Cubana investiu fortemente na faceta “armada” de Martí a fim de legitimar politicamente o núcleo de *Sierra Maestra*, transformando-o assim em um precursor da luta armada contra o regime de Fulgêncio Batista e, portanto, numa figura moldada segundo os anseios do M 26-7, que reivindicava para si o legado do “apóstolo” da independência de Cuba:

Y así surgió en el firmamento de nuestra patria esa estrella todo patriotismo, todo sensibilidad humana, todo ejemplo, que junto con los héroes de las batallas, junto con Maceo y Máximo Gómez, inició de nuevo la guerra por la independencia de Cuba. ¿Y qué se puede parecer más a aquella lucha de ideas de entonces que la lucha de las ideas hoy? ¿Qué se puede parecer más a aquella incesante prédica martiana por la guerra necesaria y útil como único camino para obtener la libertad, aquella tesis martiana en favor de la lucha revolucionaria armada (APLAUSOS) que las tesis que tuvo que mantener en la última etapa del proceso el movimiento revolucionario en nuestra patria, enfrentándose también a los grupos electoralistas, a los politiqueros, a los leguleyos, que venían a proponerle al país remedios que durante 50 años no habían sido capaces de solucionar uno solo de sus males, y agitando el temor a la lucha, el temor al camino revolucionario verdadero, que era el camino de la lucha armada revolucionaria? ¿Y qué se puede parecer más a aquella prédica incesante de Martí que la prédica de los verdaderos revolucionarios que en el ámbito de otros países de América Latina tienen también la necesidad de defender sus tesis revolucionarias frente a las tesis leguleyescas, frente a las tesis reformistas, frente a las tesis politiqueras? (Castro, 1968)

O trecho acima explicita como a figura de Martí se tornou importante para Castro sustentar sua tese de que a luta armada era o único caminho a ser seguido para garantir a liberdade de Cuba, premissa que julgava aplicável a diferentes épocas da história insular. Longe de ter inventado o culto cívico a Martí, amadurecido ao longo da república cubana, na primeira metade do século XX, Castro se valeu da memória do líder independentista para potencializar as mensagens político-ideológicas associadas à guerrilha de *Sierra Maestra*. Neste sentido, a inovação da Revolução Cubana não consistiu em “criar” ou “continuar” o enaltecimento de Martí através dos rituais de memória, mas em reinterpretá-lo tendo como eixo temático a “genealogia” da luta armada na ilha. Tal estratégia teria se iniciado em 1868, com o *Grito de Yara*, sob a liderança de Carlos Manuel de Céspedes, se reafirmado em 1878, na *Protesta de Baraguá*, encarnada por Antonio Maceo, e em 1895, no *Grito de Baire*, protagonizado por José Martí, até se tornar vitoriosa em 1959, por meio da guerrilha de *Sierra Maestra*, sob o comando de Fidel Castro.

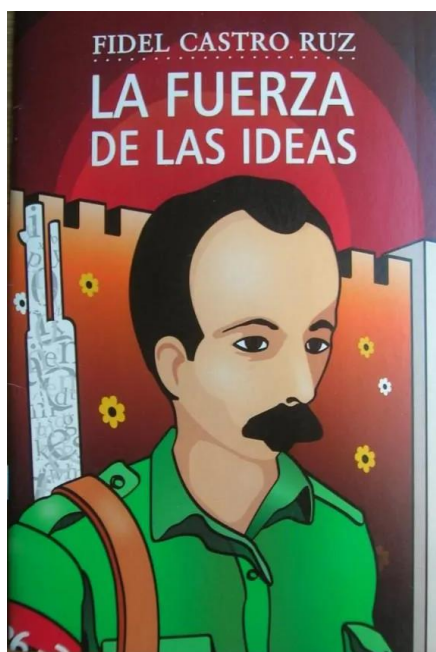


Ascendente, a narrativa que explicava o sucesso da luta armada em Cuba ganhou vida através da conexão entre suas lideranças históricas, seguindo a ordem Céspedes, Maceo, Martí e Castro. No que tange a Martí, a propaganda política estatal posterior a 1959 o interpretou como partícipe da luta armada enquanto tática legítima de conquista do poder, tornando-o uma das principais “origens” da guerrilha do M 26-7. Neste sentido, a propaganda estatal disseminou a memória de Martí através de diferentes suportes e estratégias de comunicação social. Tais meios de difusão visavam “atualizar” o seu legado a partir dos diferentes contextos históricos nos quais as lembranças ocorreriam, isto é, os sucessivos tempos presentes após 1959. Combinados aos discursos de Fidel Castro, os diferentes recursos textuais e visuais elaborados por órgãos estatais na ilha objetivavam vincular Martí, que morreu em 1895, durante a segunda guerra de independência contra a Espanha, ao período insurrecional da Revolução Cubana (1953-1959).

Organizado de acordo com os anseios políticos do M 26-7, em particular da guerrilha de *Sierra Maestra*, que consistiam na legitimação da luta armada a partir das guerras anticoloniais do século XIX (Máo Jr., 2007, p. 81-94), o roteiro de representações martianas elaborado pelo regime socialista começa com o evento histórico considerado a (re)fundação da luta armada em Cuba, o assalto ao quartel *Moncada*, em 26 de julho de 1953 e termina com a “apoteose” dos guerrilheiros sobre Fulgêncio Batista, simbolizada pela chegada triunfal de Castro a Havana, em 8 de janeiro de 1959.

Seguindo este roteiro, destacamos uma arte gráfica que representa José Martí em frente ao quartel *Moncada* (figura 1).

Figura 1 - Capa de publicação de discurso proferido por Fidel Castro



CASTRO, Fidel. *La fuerza de las ideas*. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2008.

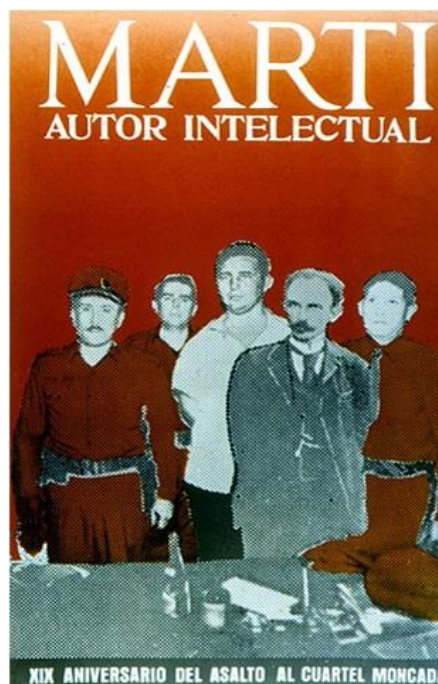
Elaborada com o objetivo de ilustrar a capa de um discurso de Fidel Castro publicado em 2008, a imagem representa Martí travestido de guerrilheiro de *Sierra Maestra*, isto é, portando a insígnia do M 26-7 em seu braço direito e a camisa verde-oliva que compunha o uniforme do Exército Rebelde. Atrás dele, em *dégradée*, vê-se a fachada do quartel *Moncada*, atacado pelo grupo de Castro em 26 de julho de 1953, com o propósito de iniciar uma ofensiva armada contra a ditadura de Fulgêncio Batista, intento frustrado pela reação imediata das tropas do governo. Nota-se que as marcas de tiros na parede do quartel foram estilizadas para se transformarem em flores brancas e amarelas, aludindo ao fato de que a luta armada liderada por Castro resultou em um futuro de grandes realizações para o povo cubano após 1959. Por fim, a mensagem de “balas” que se



transformam em “flores” foi potencializada pelo rifle de fundo branco empunhado por Martí. Preenchido por letras, o rifle alude a luta armada responsável pela implantação do governo que transformou *Moncada* em escola como forma de divulgar os avanços da educação pública após o triunfo da Revolução.

Feito a partir de uma fotomontagem, um cartaz político de 1972 apresenta a figura de José Martí na presença de Fidel Castro (figura 2).

Figura 2 - Cartaz em memória ao 19º aniversário do assalto ao quartel *Moncada*



Autor desconhecido. 1972.

<http://www.fidelcastro.cu/pt-pt/imagen/marti-autor-intelectual-1972>

A cena fictícia acima retratada remete a uma fotografia registrada quando da prisão de Fidel Castro, líder do assalto ao quartel *Moncada*, pelas tropas batistianas, seguida do julgamento que lhe rendeu quase dois anos de prisão em Cuba, de onde partiu, em 1955, para o exílio no México. Nesta imagem, a posição do corpo de Martí à frente da cena original visava atribuir protagonismo ao líder



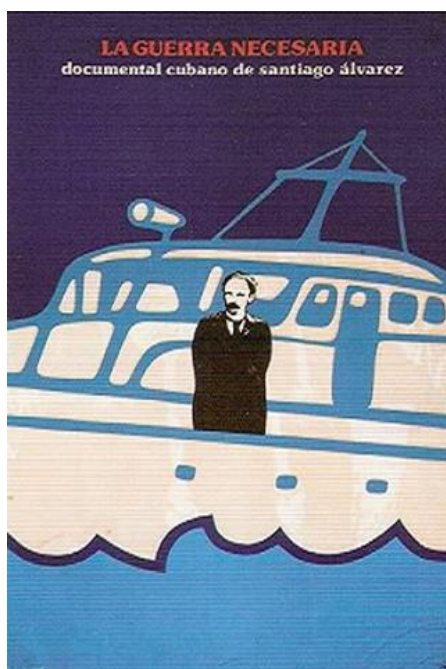
independentista em relação a um fato histórico do qual ele não participou, o assalto ao *Moncada*. Quase toda a imagem apresenta coloração alaranjada em *dégradée* e somente os corpos de Castro e Martí estão nas cores preta e branca, recurso visual que pode ser interpretado como forma de vincular não apenas os corpos mas as ações e pensamentos de ambos os personagens, como se Castro fosse a continuação de Martí. Na parte superior, o título traz o nome Martí em caixa alta, tendo abaixo a expressão “autor intelectual”⁴, enquanto a parte inferior menciona o 19º aniversário do assalto ao *Moncada*, lembrado em 1972. Assim como o restante da imagem, o conteúdo escrito deu um salto espaço-temporal para mais uma vez conectar as imagens de Fidel Castro e José Martí.

Outras imagens representaram o “apóstolo” da independência como inspiração da luta armada contra Fulgêncio Batista, atrelando as lutas anticoloniais do século XIX à guerrilha do M 26-7, tal como o cartaz de divulgação do documentário dirigido por Santiago Álvarez intitulado *La guerra necesaria* (figura 3).

⁴ Tal expressão foi utilizada por Fidel Castro pela primeira vez em seu discurso de autodefesa conhecido como “A história me absolverá”, proferido durante o seu julgamento em Santiago em outubro de 1953. Para justificar sua opção pelas armas como forma de derrotar a ditadura de Fulgêncio Batista, Castro afirmou que Martí havia sido o “autor intelectual” da ação insurgente que resultou em sua prisão, chegando a se definir ideologicamente como “martiano”. Retirado deste discurso, o trecho a seguir exemplifica como Castro utilizou a memória de Martí para justificar o assalto ao quartel *Moncada*: “Parecia que el Apóstol iba a morir en el año de su centenario, que su memoria se extinguiría para siempre, ¡tanta era la afrenta! Pero vive, no ha muerto, su pueblo es rebelde, su pueblo es digno, su pueblo es fiel a su recuerdo; hay cubanos que han caído defendiendo sus doctrinas, hay jóvenes que en magnífico desagravio vinieron a morir junto a su tumba, a darle su sangre y su vida para que él siga viviendo en el alma de la patria. ¡Cuba, qué sería de ti si hubieras dejado morir a tu Apóstol!” (Castro, 2004, p. 36).

Figura 3 - Cartaz de divulgação do documentário *La Guerra Necesaria*

| 228



La guerra necesaria. Direção de Santiago Álvarez.
Havana: ICAIC, 1980 (110 min.)

Na imagem acima reproduzida, nota-se a figura de Martí na proa da embarcação que representa o iate *Granma*, usado pelo grupo chefiado por Fidel Castro para voltar a Cuba em fins de 1956. Considerando que no imaginário náutico os veleiros costumavam levar em suas proas estátuas religiosas-mitológicas com o objetivo de se protegerem das dificuldades enfrentadas em alto mar, a cena fictícia retratada no referido cartaz visava fundir o período anticolonial ao insurrecional, camadas temporais representadas, respectivamente, por José Martí e pelo iate *Granma*, que permitiu o retorno dos combatentes do M 26-7 a Cuba para reiniciarem a luta armada contra Fulgêncio Batista após o fracassado assalto ao quartel *Moncada*. Some-se a isso o fato do filme lançado em 1980 pelo Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográficas (ICAIC) ter o mesmo título do manifesto escrito por Martí em 1895, quando argumentou que a conquista da liberdade não viria por vias



pacíficas, mas pelas armas. Disso conclui-se que a apropriação da imagem de José Martí buscava legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra*, sob a liderança de Castro, como tática legítima de tomada do poder, validando assim a “violência revolucionária” como linguagem política.

Com uma pistola no coldre e vestindo seu característico uniforme verde-oliva do Exército Rebelde, Fidel Castro aparece ao término do documentário *La guerra necesaria* caminhando sozinho e pensativo nas areias de *Playita de Cajobabo*, considerado pelo estadista o “lugar sagrado” em que Martí desembarcou em Cuba em abril de 1895. No filme, os paralelos entre os desembarques de *Playita* (1895) e *Granma* (1956) buscaram reforçar o imaginário revolucionário no qual os períodos anticolonial e insurrecional se retroalimentam para construir uma narrativa ascendente através da rememoração de fatos históricos dos séculos XIX e XX. Além de Martí, morto na batalha de *Dos Ríos* pouco tempo após desembarcar em *Playita*, outros líderes independentistas também retornaram a Cuba, em 1895, por meio de expedições marítimas, tais como Máximo Gómez, que acompanhava Martí, e os irmãos Maceo. Planejado por Martí, então delegado do Partido Revolucionário Cubano (PRC) em Nova York, o chamado *Plan de la Fernandina* visava enviar à ilha as armas necessárias para iniciar uma nova guerra de independência contra a Espanha, que deveria ser liderada por personagens que voltavam do exílio.

Para além do documentário *La guerra necesaria*, os paralelos históricos entre *La Fernandina* (1895) e *Granma* (1956) podem ser notados em outros contextos, como no discurso feito por Fidel Castro em 26 de julho de 1987, quando mais uma vez relacionou os períodos anticolonial e insurrecional a fim de legitimar a Revolução Cubana:

Horas difíciles aquellas de Martí cuando la “Fernandina”, cuando se perdió todo, y no vaciló en desembarcar en un bote de remos con Máximo Gómez y algunos compañeros más en un lugar aislado y solitario de la costa oriental, para reiniciar la lucha, seguir la marcha y morir en combate, pero con una convicción: que detrás de ellos vendrían otros, que algún día la patria sería libre y que algún día aquella historia que él hizo, que en silencio —como dijo— tuvo que hacer,

seguiría adelante y culminaría en la victoria [...] Horas difíciles las de los expedicionarios del “Granma” [...] Horas difíciles aquellos días ulteriores al desembarco y la dispersión de nuestro pequeño destacamento; horas difíciles cuando fuimos solo un puñado de hombres reagrupados; horas difíciles las de aquella dura y desigual lucha en las montañas y nunca faltaron tripulantes, y cada vez eran más y más y más los leales a la Revolución, los enamorados de las ideas y de la causa de la Revolución. (Castro, 1987)

Por fim, o roteiro visual criado pela propaganda estatal como forma de legitimar a luta armada do M 26-7 a partir das lutas anticoloniais do século XIX se encerra com a imagem do bilhete de 1 peso cubano (figura 4).

Figura 4 - Cédula de dinheiro no valor de 1 peso cubano



Banco Nacional de Cuba. 1979.

De grande circulação na ilha, a nota traz em sua parte frontal a imagem do rosto de José Martí ladeada dos dizeres *patria o muerte* e *Cuba territorio libre de America*, dois dos principais lemas adotados pelo regime socialista insular. A



relação entre texto e imagem revela uma mensagem elaborada a partir de dois contextos históricos distintos, fundindo o passado anticolonial ao presente da Revolução no poder. No verso da nota consta uma representação de Fidel Castro feita a partir de fotografias realizadas em 8 de janeiro de 1959. Nela, ao centro, acompanhado por Camilo Cienfuegos, vê-se o líder de *Sierra Maestra* em pose triunfante, com sua pistola no coldre e o braço direito levantado em saudação à multidão que o recepcionou em sua chegada a Havana após a viagem conhecida como *Caravana de la Libertad*. Nesta cena, nota-se a presença de homens representados como *mambises* (portando chapéus) ou guerrilheiros (portando barba, arma e uniforme militar). Mais do que conectar os eventos históricos dos séculos XIX e XX, o bilhete de 1 peso produzido em 1979 representou o triunfo da Revolução Cubana como o resultado dos esforços empreendidos por Martí e Castro em suas respectivas épocas.

Tendo em vista as imagens acima analisadas, conclui-se que o regime socialista cubano e seu líder se empenharam para transformar José Martí em um agente histórico relevante tanto no contexto social em que viveu, o século XIX, quanto nos contextos posteriores, os séculos XX e XXI, com destaque para as apropriações de sua memória para legitimar a guerrilha de *Sierra Maestra*. Neste sentido, a memória oficial construída pelo regime socialista “guerrilheirizou” a imagem pública de Martí, ou seja, atualizou e se apropriou de seus significados político-ideológicos tendo como referência temporal períodos posteriores à vida do líder independentista.

Paralelamente à vida real do “apóstolo” da independência, Martí foi inserido na narrativa histórica protagonizada pela guerrilha de *Sierra Maestra* como forma de demonstrar sua hipotética aprovação às ações do grupo sob o mando de Fidel Castro⁵, sobretudo no que se refere ao método usado para a

⁵ No âmbito editorial cubano, identificamos a publicação de três volumes temáticos de discursos de Fidel Castro sobre José Martí. O primeiro (1960) é uma compilação de excertos discursivos organizada no formato de verbetes, tais como “democracia”, “antiimperialismo”, “revolução”. O segundo (1983) relaciona Martí à construção do socialismo em Cuba. O terceiro (2004), publicado pouco tempo antes da saída de Castro do poder, retoma o legado martiano como elemento ideológico definidor de seu imaginário político. Os títulos completos destas obras constam nas referências ao término deste artigo.



conquista do poder: a luta armada. Operando no imaginário revolucionário como uma espécie de patrona da guerrilha do M 26-7, segundo a lógica do “autor intelectual”, a memória de Martí pautou a interpretação de fatos históricos posteriores a ele, vinculando-se às representações do assalto ao quartel *Moncada* (figuras 1 e 2), da expedição do *Granma* (figura 3) e, por fim, do triunfo da Revolução Cubana (figura 4).

A memória de José Martí a partir de rituais político-ideológicos

Após o triunfo da Revolução Cubana, a memória do “apóstolo” da independência envolveu também uma série de rituais político-ideológicos organizados pelo Estado. Em meio aos festejos públicos dedicados ao centenário da morte de Martí na batalha de *Dos Ríos*, ocorrida no dia 19 de maio de 1895, Fidel Castro falou com a imprensa local logo após participar do ritual fúnebre realizado no mausoléu martiano do cemitério de Santa Ifigênia, em Santiago. Nesta ocasião, o mandatário elaborou a seguinte reflexão:

Y el Martí 100 años después, no es el mismo Martí de cuando cayó hace 100 años. Muchas de sus obras no se conocían, muchos de sus escritos, mucho de su pensamiento, todo eso se supo después [...] El Martí de hoy es un Martí mucho más gigante ante los ojos de todos los cubanos. Ellos tienen que haber sufrido mucho con la muerte de Martí, pero no sabían todavía sus propios compañeros toda la magnitud de su gloria, de su talento, de su proyección, de sus sentimientos. (Castro, 2004, p. 306-307)

No trecho acima citado, Castro dissociou a vida de Martí da memória oficial sobre ele criada pela Revolução Cubana, conferindo importância não à biografia martiana em si mas às interpretações sobre o dito personagem após a sua morte; ideia resumida na ideia de que Martí não era mais o “mesmo” em 1995, um século após falecer em *Dos Ríos*. Por meio de um ritual fúnebre, a tentativa castrista de exercer controle político sobre o significado histórico de Martí tem como pressuposto o papel da Revolução Cubana e do regime socialista como



instâncias produtoras das narrativas divulgadas como a única expressão possível da verdade. Assim, somente a memória estatal criada a partir de 1959 teria conseguido revelar a “magnitude” da “glória” de Martí, manifesta por meio da descoberta de escritos imputados ao líder independentista. Refletindo sobre a diferença entre passado e presente, sendo esta última temporalidade representada pela palavra “hoje”, Castro afirmou que a memória oficial de Martí em 1995 seria “muito maior” aos “olhos” dos cubanos que o próprio personagem em questão, feito de carne e osso.

Além dos discursos, da produção imagética e dos rituais fúnebres, após 1959 o governo cubano se apropriou da memória de José Martí de outras maneiras. Uma delas se refere à criação e difusão do termo “geração do centenário” (Rojas, 1973) para se referir ao grupo político liderado por Fidel Castro que organizou o assalto ao quartel *Moncada* em 26 de julho de 1953, data que se tornaria a principal efeméride do regime socialista insular (Prado, 2018, p. 41-88). À primeira vista o termo homenageia o centenário do nascimento do “apóstolo” da independência. Todavia, o uso desta expressão nos discursos castristas revela que o antigo líder guerrilheiro transformado em mandatário reivindicou o passado anticolonial simbolizado na figura de Martí para legitimar a atuação do M 26-7 nos anos 1950 e, conseqüentemente, atualizar o significado das “armas” como método insurgente para a conquista do poder pelos revolucionários.

Tais ações transformaram a homenagem ao centenário do nascimento de Martí em legitimação do grupo político de Castro no âmbito das oposições ao regime de Fulgêncio Batista e do governo surgido após o triunfo da Revolução Cubana. A propaganda político-ideológica contida no termo “geração do centenário” pode ser notada em um discurso feito por Castro durante a comemoração do nascimento do “apóstolo” da independência em 27 de janeiro de 1960, na Praça da Revolução, em Havana:

Y esta generación, que es la generación del Centenario del Apóstol, porque fue en el año del Centenario donde se inició la lucha, que después de varios años habría de concluir en esta oportunidad que tiene hoy, esta generación del Centenario puede decir al fin, que tiene en sus manos los destinos de la Patria, que no tuvieron las generaciones anteriores, porque fuerzas más poderosas que la suma de todos los heroísmos y sacrificios de nuestro pueblo impidieron a las pasadas generaciones esa oportunidad. (Castro, 2004, p. 91-92)

Realizado pouco mais de um ano após o triunfo da Revolução Cubana, o discurso acima reproduzido revela como Fidel Castro rememorou o nascimento de José Martí pela primeira vez após a tomada do poder. Centrado no protagonismo atribuído à “geração do centenário”, o mandatário se apropriou do legado martiano a partir das demandas do seu tempo presente, inserindo a memória de Martí em um cenário social posterior ao que o personagem real viveu de modo a fundi-la aos anseios políticos do M 26-7. Logo, a efeméride em questão não se refere somente ao nascimento de Martí, mas a como Castro se apropriou deste evento para legitimar a tomada do poder pela “geração do centenário” que ele dizia representar. Mesmo expressando a ideia de continuidade entre passado e presente, é sintomático que Castro tenha atribuído o que chamou de “início da luta” à sua geração, e não a Martí ou aos *mambises*⁶ que lutaram nas duas guerras de independência cubanas do século XIX. Portanto, a memória de Martí foi instrumentalizada politicamente para corroborar o “hoje” da Revolução no poder.

Neste discurso, o protagonismo atribuído por Castro à “geração do centenário” apareceu também em outro trecho no qual o passado anticolonial foi investido de significado histórico através do tempo presente posterior a 1959:

Ese terrible dolor y esa dura experiencia y esa dura tristeza en que se vive cuando tenemos que compartir la frustración de un ideal, como vivieron nuestros antepasados y como vivieron generaciones enteras, para que fuese esta generación actual, la generación que tuviese el privilegio de empezar a hacer lo que

⁶ No imaginário cubano, *mambises* (*mambí*, no singular) designa os combatentes envolvidos nas guerras de independência contra a Espanha no século XIX, compreendendo aqueles que pegaram em armas em 1868 e 1895, anos de início da primeira e segunda guerras de independência, respectivamente.

ellos ni siquiera tuvieron la oportunidad de empezar, porque empezaron varias guerras por alcanzar esa oportunidad y no la lograron. Ha sido esta generación, la generación que alcanzó la oportunidad, no por su esfuerzo, sino porque fue el esfuerzo de todos los anteriores, porque ningún sacrificio fue inútil, ya que desde el primer cubano que cayó, hasta el último, pusieron su ‘grano de arena’ para que esta generación tuviera la oportunidad. (Castro, 2004, p. 91)

Os rituais de memória dedicados ao “apóstolo” da independência se consolidaram como uma das mais importantes estratégias de legitimação política da Revolução Cubana. Um deles ficaria conhecido como “marcha das tochas”, encenada em 27 de janeiro como forma de celebrar o nascimento de Martí, ocorrido em 28 de janeiro de 1853. A diferença de um dia entre o aniversário do “apóstolo” e sua celebração oficial evidencia a estratégia de memória adotada pelo M 26-7 e seu líder após 1959. Organizada pela Federação Estudantil Universitária (FEU), a primeira “marcha das tochas” aconteceu em 27 de janeiro de 1953, quando um cortejo composto em sua maioria por jovens estudantes partiu da universidade de Havana em direção à “fragua martiana”, onde o “apóstolo” fora preso em virtude de seu ativismo político. Segundo Fidel Castro, naquela noite cada estudante carregou uma tocha a fim de expressar um “sentimento quase religioso” (Castro, 2004, p. 258) em relação à memória de Martí. Em virtude deste ato, após 1959 a encenação da “marcha das tochas” passou a ocorrer em Havana, anualmente, no dia 27 de janeiro, consolidando esta data comemorativa no calendário cívico revolucionário.

Em 1990, o *comandante* abordou este tema da seguinte maneira:

⁷ Sobre a atualidade deste ritual político na ilha, citamos a seguir um trecho extraído do portal online da enciclopédia cubana *EcuRed*: “Hoy como ayer los jóvenes revolucionarios, coincidiendo con el aniversario del natalicio del Maestro, inician el patriótico ritual que hace más de medio siglo comenzó la generación del centenario guiada por un joven rebelde llamado Fidel Castro; para no permitir que el apóstol muriese en el año de su centenario. Cada aniversario de la Marcha de las Antorchas, el desfile constituye una muestra del apoyo del estudiantado a la dirección histórica de la Revolución. El natalicio de José Martí es recordado por todos los cubanos, puesto que los sueños revolucionarios son construidos con su pensamiento vigente cada día”. Disponível em: <https://www.ecured.cu/Desfile_de_las_antorchas>. Acesso em: 23 mar. 2024.



Estaba por allá abajo junto con ustedes y viví esos minutos emocionantes en que se cumplía el 137 aniversario del nacimiento de Martí [...] Hoy los estudiantes iban a conmemorar aquel 37 aniversario de una marcha similar a esta. Hoy y de una manera casual sin que nadie lo programara o lo concibiera previamente, estaba finalizando ya el XVI Congreso de nuestros trabajadores, y cuando se supo que marcharían los estudiantes, todos los delegados del congreso quisieron marchar también junto a los estudiantes hasta el monumento de Martí. Cuántas cosas de un extraordinario simbolismo, la unión de nuestra clase obrera, de nuestros trabajadores, de los creadores de todas las riquezas pasadas, presentes y futuras de nuestro país, y los estudiantes, para dirigirse hacia este parque conmemorando aquella marcha de hace 37 años, y en un momento en que nos amenazan más que nunca. Tenía que ser para nosotros emocionante, muy emocionante, al cabo de 37 años, volver a salir desde la misma escalinata, desde la misma escalinata hasta el mismo punto. (Castro, 2004, p. 258)

Mais do que o nascimento de Martí, que em 1990 completava seu 137º aniversário, a rememoração mencionada no trecho supracitado se refere à maneira como Castro e a autointitulada “geração do centenário” relembrou o aniversário do “apóstolo” através da manifestação ocorrida em Havana na noite de 27 de janeiro em 1953. Nota-se que a narrativa castrista fundiu dois eventos inscritos em temporalidades distintas, sendo o primeiro o aniversário do personagem real, nascido em 1853 e o segundo o festejo do seu aniversário pelos universitários que compunham a “geração do centenário”, entre eles o próprio Castro, ocorrido em 1953. Além desta dupla comemoração, o discurso de Fidel Castro em 1990 evidencia uma terceira, envolvendo os órgãos de representação laboral e estudantil, justificada como “casualidade” e “extraordinário simbolismo”. Segundo ele, os trabalhadores cubanos que haviam acabado de participar de um congresso sindical teriam decidido acompanhar o evento público no qual os estudantes simulariam a marcha cívica realizada pela “geração do centenário” cerca de quatro décadas antes, partindo da universidade de Havana em direção ao lugar em que José Martí cumpriu pena de trabalhos forçados em função de seus posicionamentos políticos.



O excerto acima reproduzido revela que o nascimento de Martí, o alegado motivo das comemorações públicas ocorridas em Havana, em 1990, deu lugar ao protagonismo de uma geração histórica posterior à do líder independentista do século XIX; geração esta que procurou se afirmar na cena política cubana tendo como inspiração o legado martiano. As palavras de Castro revelam como a propaganda política de seu governo subordinou o aniversário de Martí ao discurso de continuidade do regime socialista insular no contexto histórico marcado pela crise da URSS, quando alguns efeitos deste processo, sobretudo na área econômica, começavam a se manifestar na ilha (Chomsky, 2015, p. 195-230; Guerra; Maldonado, 2009, p. 139-151), além do recrudescimento das hostilidades por parte dos EUA, que “ameaçavam mais do que nunca” a continuidade do socialismo cubano. Para reafirmar a ordem política vigente, Castro manejou o significado histórico de Martí a fim de que a opinião pública relembresse seu aniversário por meio do parâmetro estabelecido pela memória oficial. Assim, o 137º aniversário do “apóstolo” da independência foi enxertado pelo protagonismo que Castro atribuiu a si próprio e à “geração do centenário”, a qual teria sido responsável, segundo ele, pela consolidação da obra iniciada por José Martí ainda no século XIX.

Além de imagens, discursos e rituais fúnebres, o regime socialista cubano utilizou a inauguração de obras públicas como estratégia para vincular a memória do “apóstolo” ao papel da luta armada na Revolução Cubana. Em 28 de janeiro de 1960, por exemplo, Castro utilizou o aniversário de Martí para realizar a cerimônia oficial de entrega do quartel *Moncada* ao Ministério da Educação a fim de que se transformasse em uma escola pública. Na ocasião, o mandatário concluiu seu discurso com as seguintes palavras:

Hoy Santiago está feliz; hoy toda Cuba está feliz; hoy los niños están felices; hoy el Apóstol, el Apóstol que nació el 28 de Enero, hoy que al conmemorarse el 107 aniversario se inaugura este Centro Escolar que se llama ‘26 de julio’, hoy el Apóstol está contento; hoy nuestros muertos están contentos; hoy es un día feliz de la Patria. (Castro, 2004, p. 105)



Este trecho demonstra como Fidel Castro vinculou o nascimento de José Martí à legitimação da luta armada do M 26-7 durante o período insurrecional (1953-1959), tática simbolizada pelo assalto ao quartel *Moncada*. Pouco mais de um ano depois do triunfo da Revolução Cubana, a propaganda estatal voltou suas atenções ao “lugar de memória” considerado o início da guerrilha de *Sierra Maestra*, isto é, a primeira ação política e militar baseada na concepção de que apenas a luta armada conseguiria derrotar a ditadura de Fulgêncio Batista. Apesar da derrota dos assaltantes e da morte da maior parte dos envolvidos na ação comandada por Castro, na narrativa histórica construída após o triunfo da Revolução o 26 de julho de 1953 passou a simbolizar o uso “justo” da violência revolucionária como forma de combater o autoritarismo de Batista. Daí a necessidade de embasar ideologicamente o uso desta violência revolucionária pelo M 26-7 através de referências históricas que a legitimassem. Para tanto, a memória de Martí foi incorporada a um contexto histórico posterior àquele em que o líder independentista viveu, o século XIX, processo que “guerrilheirizou” sua imagem para torná-la uma das principais fontes de legitimação da guerrilha comandada por Fidel Castro nos anos 1950.

O discurso de Fidel Castro em 28 de janeiro de 1960 foi precedido de uma série de intervenções na edificação transformada em centro escolar como forma de homenagear o assalto ao *Moncada*. Pouco tempo antes, em 9 de janeiro, o governo iniciara a reforma do local, quando Castro utilizou um trator para derrubar as muralhas da antiga fortaleza, gesto de grande simbolismo político. Durante a cerimônia de entrega do quartel, um helicóptero despejou pétalas de rosas sobre a multidão de estudantes acompanhados de suas famílias. Reunindo a alta cúpula estatal, como Fidel e Raúl Castro, Osvaldo Dorticós, presidente da república e Armando Hart, ministro da educação, a inauguração do novo complexo educacional de Santiago contou também com a presença de sobreviventes e familiares dos militantes mortos no assalto ao *Moncada*, com destaque para a participação da menina Temis Tassende, filha de José Luis



Tassende, um dos caídos em combate em 26 de julho de 1953. Não apenas o discurso de Fidel Castro e de outras autoridades ali presentes, mas também o cenário, os agentes envolvidos e, por fim, o público presente no evento, colaboraram para que o significado atribuído à referida inauguração confluísse para a figura de José Martí como o elo entre todos estes elementos.

Neste caso, o recurso utilizado pelo governo de Fidel Castro para se apropriar da memória de Martí reside na relação lugar-data, isto é, nos vínculos estabelecidos entre o quartel *Moncada* e o dia 28 de janeiro, alusivos ao surgimento do M 26-7 e ao nascimento do “apóstolo” da independência, respectivamente. Tal relação envolveu a fabricação de nexos entre o passado anticolonial representado por Martí e o passado insurrecional representado pelo assalto ao *Moncada*. Na narrativa castrista, estas camadas do passado nacional se fundem para comprovar que o novo regime havia conseguido materializar o legado martiano através da ampliação da educação pública, concebida como parte central do conjunto de direitos sociais previstos no projeto revolucionário de cidadania. A relação estabelecida por Castro entre o dia 28 de janeiro e a fundação da “Cidade Escolar 26 de Julho” resultou em novos usos sociais do espaço físico que até 1960 abrigou um quartel. Seu discurso indica que a antiga fortaleza adquiriu significados associados menos à vida de Martí e mais à data relacionada ao grupo liderado por Castro, que apelou à memória do “apóstolo” para atribuir legitimidade às ações de seu governo após 1959.

Tal processo de legitimação associou Martí ao lugar que o novo regime escolheu como símbolo do início da luta armada contra Batista. Assim, o aniversário de Martí serviu para Fidel Castro conferir protagonismo à guerrilha de *Sierra Maestra* no período insurrecional, projetando-o até o tempo presente em que discursava. A rememoração do nascimento do líder independentista pareceu o cenário ideal para Castro reafirmar os anseios do seu grupo político como classe dirigente do Estado (Fernandes, 2012, p. 129-142), usando para isso a memória do assalto ao *Moncada* ocorrido sete anos antes. A comemoração que fez os “mortos ficarem felizes”, segundo Castro, transformou Martí numa fonte



de legitimidade da luta armada que o estadista afirmava remontar às guerras independentistas do século XIX. A memória de Martí mostrou-se útil para representar o passado anticolonial e, junto a ele, o tempo presente da Revolução no poder. A tomada simbólica do *Moncada* em 28 de janeiro de 1960 amalgamou a memória de Martí, um dos “mortos felizes”, segundo a metáfora castrista, à trajetória ascendente da guerrilha de *Sierra Maestra*, conectando o revés do 26 de julho ao triunfo do 1º de janeiro.

Considerações finais

Tendo em vista tais aspectos, é possível extrair algumas conclusões a respeito de como Fidel Castro e a propaganda político-ideológica de seu governo se apropriaram da memória de José Martí com o intuito de legitimar a Revolução Cubana e, em particular, a guerrilha de *Sierra Maestra*, a quem o mandatário atribuía a vitória sobre Fulgêncio Batista. Em sentido amplo, conclui-se que a memória do “apóstolo” da independência se transformou em uma das principais fontes de legitimação do governo surgido em 1959. A partir de então, as conexões entre Martí e o M 26-7 visaram construir a ideia de que o “governo guerrilheiro” seria o *telos* dos passados anticolonial e insurrecional. Prova disso pode ser notada num discurso em que Castro afirmou que os “mártires” seguiam sendo “úteis” (Castro, 2004, p. 95) mesmo depois de mortos, explicitando a intencionalidade do projeto de memória oficial colocado em prática na ilha após 1959. Em suma, a tentativa de controlar a memória de Martí revela como o governo decorrente da Revolução Cubana lançou mão de uma série de estratégias de comunicação com o propósito de divulgar à opinião pública interna que o novo regime seria o único herdeiro legítimo das ideias do “apóstolo” da independência.

Em sentido específico, conclui-se que a apropriação da memória de Martí pelo Estado cubano após 1959 buscou legitimar a luta armada como estratégia legítima de tomada do poder pelos guerrilheiros de *Sierra Maestra*. Nas representações envolvendo o assalto ao quartel *Moncada*, o julgamento de Fidel Castro em Santiago, o seu retorno a Cuba a bordo do *Granma* e a sua chegada



triumfal a Havana, a conexão entre Martí e a guerrilha de *Sierra Maestra* operou como um fator de legitimação do M 26-7. Após 1959, a filiação de Castro às ideias martianas revelou-se uma estratégia para se colocar na cena pública como defensor do nacionalismo cubano e como voz de autoridade no âmbito das oposições ao antigo regime de Fulgêncio Batista. Todavia, sua adesão ao que julgava ser o ideal martiano “original” revelou uma profunda indefinição quanto às bases ideológicas que orientaram sua prática política nos primeiros anos à frente do governo, especialmente de 1959 a 1961, antes da adesão ao socialismo como doutrina oficial do Estado. Elástica, a apropriação da memória de José Martí permitiu a Fidel Castro preencher a figura do líder independentista morto na batalha de *Dos Ríos* dos significados históricos que mais lhe convinham nos sucessivos tempos presentes posteriores a 1959, com destaque para a “genealogia” da luta armada em Cuba durante os séculos XIX e XX.

Em sintonia com Anna Clayfield, para quem o *ethos* guerrilheiro compreende o tempo presente como uma “luta inacabada” (Clayfield, 2019), entendemos que em Cuba houve um processo de “guerrilheirização” do passado, isto é, um processo de reinterpretação dos eventos e personagens históricos a fim de legitimar a luta armada de *Sierra Maestra*. Tal estratégia se baseou na escolha da guerrilha do M 26-7 como critério por meio do qual os fatos e atores da história nacional seriam lembrados ou esquecidos (Ricoeur, 2007; Rossi, 2010), tornando-se úteis à legitimação política do governo chefiado por Fidel Castro. Para justificar a escolha da guerrilha de *Sierra Maestra* como elemento constitutivo da “comunidade política imaginada” (Anderson, 2008, p. 32), a memória oficial criada a partir de 1959 atrelou a experiência revolucionária do século XX às guerras de independência da segunda metade do século XIX, simbolizadas pelos anos de 1868 (*Grito de Yara*), 1878 (*Protesta de Baraguá*) e 1895 (*Grito de Baire*).

Foi por meio desta “guerrilheirização” do passado que os *mambises* puderam ser representados como a origem simbólica da luta armada de *Sierra Maestra*, galvanizando a tese de que a Revolução Cubana era uma só desde 1868,



passando por 1878 e 1895, até chegar em 1959; além de vincular diferentes personagens independentistas, sobretudo José Martí, à figura de Fidel Castro. Assim como Rafael Rojas, entendemos que o culto cívico à luta armada nasceu no contexto em que os revolucionários se apresentavam como aqueles que conseguiram realizar “todas as revoluções frustradas do passado cubano”, propondo a “construção de uma nova comunidade” com base nas “demandas populares” e na “unidade defensiva frente ao inimigo” (Rojas, 2012, p. 74).

Em suma, este artigo demonstrou que na Cuba revolucionária, a memória de José Martí operou como uma ratificação retrospectiva da luta armada de *Sierra Maestra*, dotando-a de uma ancestralidade divulgada pelo regime socialista insular como gênese e expressão máxima da nacionalidade. Seja nos discursos proferidos por Fidel Castro, nas imagens produzidas como peças de propaganda ideológica ou nos rituais políticos organizados pelo Estado, o passado anticolonial conferiu lastro à tese de continuidade histórica que, curiosamente, fundamentou a própria ideia de ruptura que os guerrilheiros julgavam representar na política insular dos anos 1950. Portanto, após 1º de janeiro de 1959 a memória de Martí ganhou interpretações que acrescentaram novos significados históricos ao já conhecido epíteto de “apóstolo” da independência cubana, criado e difundido antes mesmo do triunfo da Revolução. Vinculada à guerrilha do M 26-7, a memória de Martí foi mobilizada pelo regime socialista a fim de corroborar a tese de que as armas representavam a única via para a conquista da liberdade.

Referências

1. Fontes

CASTRO, Fidel. De José Martí a Fidel Castro. Havana: Patria Livre, 1960.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer



Ministro del Gobierno Revolucionario, en el resumen de la Velada Conmemorativa de los 267 Cien Años de Lucha, efectuada en la Demajagua, Monumento Nacional, Manzanillo, Oriente, el 10 de octubre de 1968. 1968.

Disponível em:

<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f101068e.html>.

| 243 Acesso em: 6 junho 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en el acto de conmemoración del centenario de la Protesta de Baraguá, municipio “Julio Antonio Mella”, Santiago de Cuba, 15 de marzo de 1978, “Año del XI Festival”. 1978.

Disponível em:

<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1978/esp/f150378e.html>.

Acesso em: 6 junho 2024.

CASTRO, Fidel. José Martí. El autor intelectual. Havana: Política, 1983.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en el acto central por el XXXIV aniversario del asalto al cuartel Moncada, celebrado en la Plaza de Artemisa, el 26 de julio de 1987, “Año 29 de la Revolución”. 1987.

Disponível em:

<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1987/esp/f260787e.html>

Acesso em: 6 junho 2023.

CASTRO, Fidel. José Martí en el ideario de Fidel Castro. Havana: Ediciones Especiales, 2004.

2. Bibliografia

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CHOMSKY, Aviva. História da Revolução Cubana. São Paulo: Veneta, 2015.

CLAYFIELD, Anna. The Guerrilla Legacy of the Cuban Revolution. Miami: University of Florida Press, 2019.

FERNANDES, Florestan. Da guerrilha ao socialismo: a Revolução Cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2012.



GINZBURG, Carlo. “Representação. A palavra, a ideia, a coisa”. In: GINZBURG, Carlo. Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 85-103.

| 244 GUERRA, Sergio; MALDONADO Alejo. Historia de la Revolución Cubana. Tafalla: Txalaparta, 2009.

MÁO JR., José Rodrigues. A Revolução Cubana e a Questão Nacional (1868-1963). São Paulo: Núcleo de Estudos do Capital, 2007.

PRADO, Giliard. A construção da memória da Revolução Cubana: a legitimação do poder nas tribunas políticas e nos tribunais revolucionários. Curitiba: Appris, 2018.

SCOTT, Rebecca. Emancipação escrava em Cuba. A transição para o trabalho livre (1860-1899). Rio de Janeiro-Campinas: Paz e Terra-Unicamp, 1991.

VILLAÇA, Mariana. José Martí. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2008.

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas: Unicamp, 2007.

ROJAS, Marta. La generación del centenario en el juicio del Moncada. Havana: Ciencias Sociales, 1973.

ROJAS, Rafael. La máquina del olvido. Mito, historia y poder en Cuba. Cidade do México: Taurus, 2012.

ROSSI, Paolo. O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias. São Paulo: Unesp, 2010.